

A renovação da teleologia em Hans Jonas: da biologia filosófica aos fundamentos da ética

Wendell Evangelista Soares Lopes
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

Como explicita Jonas no *Epílogo* de *The Phenomenon of Life*, “a ontologia como fundamento da ética foi o ponto de vista original da filosofia. A separação das duas, que é a separação entre o reino ‘objetivo’ e o ‘subjetivo’, é o destino moderno”. E se o destino moderno afastou o mundo subjetivo do mundo objetivo, “sua re-união, caso seja possível, só poderá ser alcançada a partir do lado ‘objetivo’; quer dizer: por uma revisão da idéia de natureza”. Seguindo de perto essa orientação fundamental, o presente trabalho tem como escopo elucidar a renovação da teleologia no pensamento de Hans Jonas, mostrando como esta ocupa duas funções centrais, a saber: pensar uma biologia filosófica – ou ontologia – que atenda de forma mais exata à construção de um universo psicofísico e em vir-a-ser (evolução); e pensar o dever-ser da humanidade enquanto *telos* e valor absoluto no processo evolutivo do Ser. Para alcançarmos nosso objetivo, primeiro explicitaremos que aquilo que Jonas designa por “enigma da subjetividade” constitui o problema fundamental de uma filosofia da biologia, e que os dois resultados do dualismo moderno – o idealismo e o materialismo – não se encontram em condições de fazê-lo frente. Mais ainda: enquanto problema abissal, o “enigma da subjetividade” mostra-se como a própria razão para a reabilitação – e renovação – de uma concepção teleológica do ser. Num segundo momento, então, elucidaremos mais especificamente em que sentido caminha tal reabilitação e renovação da teleologia. Antes de tudo, demonstrar-se-á que o que Jonas oferece não é senão uma leitura aristotélica – e ao mesmo tempo não-aristotélica – do vir-a-ser do mundo, cuja resposta à questão do atraso e raridade do espírito, mostra a co-naturalidade do espírito com a natureza, enquanto possibilidade nesta, que ao aproveitar-se de uma ocasião (*occasion*) ou oportunidade (*oportunity/Gelegenheit*) encontra lugar para seu aparecimento real, sua realização, com o homem. E Jonas pensa assim o homem como *telos* no processo de *devenir* do mundo. Esta renovação da teleologia pode certamente ser designada de “neofinalismo”, pois aí o finalismo é intrínseco não só aos seres individuais, mas de maneira nova refere-se ao próprio desenvolvimento evolutivo do Ser. Neste sentido, mostraremos, finalmente, que na teoria ética jonasiana, o dever-ser não é estabelecido

como consequência da liberdade, nem como meramente condicionado à vida social, mas como inscrito no próprio caráter teleológico do processo evolutivo da natureza, onde o homem assume um valor absoluto por justamente ser o *telos* – entenda-se: “qualidade final” – de tal processo. Quer isto dizer que a teleologia jonasiana visa, por fim, responder sobre o bem que é a humanidade, que se firmaria assim como o próprio fundamento da ética.